

DESEJO METAFÍSICO, DESEJO DO INFINITO E ROSTO NA ÉTICA DE EMMANUEL LÉVINAS

METAPHYSICAL DESIRE, LONGING FOR INFINITY AND FACE IN THE ETHICS OF EMMANUEL LÉVINAS

Márcio Luis Costa*

Wercy Rodrigues Costa Junior**

*“Passer à l’autre de l’être, autrement qu’être.
Non pas être autrement, mais autrement qu’être.
Ni non plus ne pas-être. (LÉVINAS, 1974, p. 13)*

Resumo: O presente artigo trata dos conceitos de desejo metafísico, desejo do infinito e rosto na ética de Emmanuel Lévinas. A assimetria do desejo e a abertura à exterioridade desloca a reflexão ética do eixo da tradição filosófica moderna ocidental produzindo uma ruptura com a quadratura egológica do cárcere ontológico do mundo moderno. Este deslocamento e esta abertura permitem o acesso ao rosto que se revela e se contrai no mistério do desejo metafísico e do desejo do infinito. No mistério do rosto, na abertura à exterioridade e na assimetria do desejo se abre a possibilidade da bondade como justa medida da relação entre uns e outros.

Palavras-chave: Desejo metafísico. Desejo do infinito. Rosto. Emmanuel Lévinas.

Abstract: The following article deals with the concepts of metaphysic desire, longing for infinity and face, in the ethics of Emmanuel Lévinas. The asymmetry of desire and openness to exteriority deslocates ethical reflection from the axis of modern western philosophical tradition producing a departure from the egologic quadrature of ontologic prison of the modern world. This displacement and this opening allow one to access the face that reveals and contracts itself in the mistery of metaphysical desire and in the longing for infinity. In the mistery of the face, in the openness towards exteriority and in the asymmetry of desire the possibility of goodness as fair measure of relationship between one and others opens up itself.

Keywords: Metaphysical desire. Longing for infinity. Face. Emmanuel Lévinas.

O presente artigo pretende contribuir com algumas reflexões para clarificar os conceitos de desejo metafísico, desejo do infinito e rosto, tal como são trabalhados na ética de Emmanuel Lévinas.

* Doutor em Filosofia. Docente Pesquisador do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco. Editor Da Revista Psicologia e Saúde. Rua 14 de julho 4213, São Francisco, 79010-470 Campo Grande MS. marcius1962@gmail.com.

** Licenciado em Filosofia. Mestrando em Educação. Docente do Curso de Filosofia da Universidade Católica Dom Bosco. Rua São Clemente, 62 – Bairro Santa Luzia 79116-230 - Campo Grande, MS wercyjr@hotmail.com.

A metafísica aponta para uma exterioridade absoluta e não relativa. O recurso ao rosto, ao desejo e à idéia de infinito postula uma saída evasiva da Ontologia (LÉVINAS, 1982). Dessa forma, a reflexão se vê deslocada do eixo da tradição da filosofia ocidental, cujas formulações sempre retornaram a um mesmo ponto de partida, a saber: o ego idêntico a si mesmo, identificador e objetivador (DESCARTES, 1992; HUSSERL, 2001). Este deslocamento permite o acesso ao rosto, que se contrai no mistério do desejo metafísico e do desejo do infinito (LÉVINAS, 2000).

A ética se configura como o pórtico que conduz para a exterioridade, como abertura orientada ao outro, rompendo com a identidade e resguardando-se do sujeito objetivador (LÉVINAS, 2000). A relação com a exterioridade rompe com a quadratura ontológica e se instaura como movimento desejanste que conduz ao infinito e ao bem.

A ética levinasiana confere significado novo à metafísica e ao desejo, polemizando com a tradição ocidental que reduz a primeira a um transcendentalismo representacionista e o segundo a satisfação compulsiva do ego.

O desejo metafísico

“A verdadeira vida está ausente”. (LÉVINAS, 2000, p. 21). Com esta afirmação Lévinas inicia a sua obra *Totalidade e Infinito*. Nela, se encontra implícita a idéia de que há mundo e de que o ente humano em cada caso está implicado nele. No entanto, o mundo não é a única possibilidade de existência e de sentido. Esta afirmação é uma crítica potente e uma denúncia severa à ausência de unidade e de sentido para vida no cárcere ontológico do mundo moderno (SARTRE, 1992). Esta formulação expressa a crítica de Lévinas à Modernidade, uma vez que o mundo, racionalmente construído e disposto em seus significados e sentidos, apresenta-se como um labirinto que instiga o desejo de evasão (LÉVINAS, 1982).

O desejo metafísico parte do mundo da vida e se projeta para uma exterioridade que se situa além dos limites dessa mundanidade, na direção de uma alteridade que se encontra fora do alcance domesticador da trama de significados e sentidos. O desejo metafísico parte, dessa forma, também da mesmidade, constituída e constitutiva do aqui e agora de cada caso, e se estira até o outro, até a exterioridade.

Tanto a interioridade idêntica a si mesma, expressa como ‘o mesmo’ e que se apresenta como o mais aqui, como a exterioridade metafísica, expressa como ‘o outro’ e que se apresenta como o mais além, estão implicados nesta tensão dramática chamada desejo metafísico. Este drama, porém, se articula na interrelacionalidade, onde

‘o mesmo’ é a condição de possibilidade do outro, onde o segundo termo da interrelação – o outro –, só é possível se está interrelacionado ao primeiro termo – o ‘eu mesmo’.

A alteridade, a heterogeneidade radical do outro e a assimetria do desejo metafísico só são possíveis se o outro se mantiver como outro em relação a um “[...] termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de entrada à relação, ser o mesmo não relativamente, senão absolutamente”. (LÉVINAS, 2000, p. 24). O mesmo, significado aqui, é o modo típico da filosofia ocidental, que como Ontologia, tem sido uma relação de redução do outro ao mesmo, tendo como mediação um termo médio e neutro (LÉVINAS, 1988) que assegura a inteligibilidade do ser. Portanto, não é uma relação, mas uma redução. Esta classe de filosofia redutora, na tradição ética levinasiana, se perfila como uma egologia.

A metafísica surge e mantém-se no modo do estar voltada para o outro lado, do outro modo, para um fora de si: para o estrangeiro. Lévinas põe o termo desse movimento num sentido elevado e superior, pois nada pode satisfazer o desejo que para lá se encaminha. O outro, metafisicamente desejado, não se identifica com aquelas coisas que estão à disposição para satisfazer necessidades. Dessas realidades, dispostas à mão e diante dos olhos, “[...] posso alimentar-me e, em grande medida, satisfazer-me como se elas simplesmente me tivessem faltado”. (LÉVINAS, 2000, p. 21).

O desejo metafísico do outro apresenta-se contraposto à necessidade, por se tratar de uma aspiração pura, que se mantém depois e, não obstante, a satisfação. Ele se encontra acima da necessidade e não apresenta nenhuma consolação ao fim da privação pela satisfação. A necessidade descreve um movimento circular que acaba por retornar sempre a si, uma vez que ela se abre sobre um mundo que a satisfaz. A necessidade “[...] é o próprio retorno, a ansiedade do eu por si, egoísmo, forma original de identificação, assimilação do mundo, em vista da coincidência consigo, em vista da felicidade”. (LÉVINAS, 1993, p. 55)

Dessa maneira o desejo metafísico se constitui como expressão antropológica decisiva para expressar a relação com o outro. Ele indica a abertura, sem cortinas e limites, à exterioridade e à separação radical, entre o eu e o outro: “[...] o Desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido”. (LÉVINAS, 1993, p. 57). Não se trata, então, na obra levinasiana, de um ser marcado pela indigência, incompleto ou decaído da sua antiga grandeza (LÉVINAS, 2000).

Não é dedutível da identidade própria o sair de si e voltar-se para o absolutamente outro ou infinito. Não é por causa do escrutínio intelectual de seus vazios ou de suas necessidades que a identidade própria sai de si e se movimenta na direção da exterioridade metafísica. A origem do movimento não reside naquele que pensa e nem mesmo no produto do seu pensamento, mas reside naquele que é desejado e infinitamente separado. O desejo metafísico não é nostalgia ou saudade de outro tempo presente, nem é desejo de um parentesco prévio: “[...] é desejo que não podemos satisfazer.” (LÉVINAS, 2000, p. 22).

A saciabilidade do desejo que pode ser satisfeito estará sempre marcada pelo esgotamento de sua satisfação ou pela irritação de sua não satisfação. A insaciabilidade do desejo metafísico lhe confere uma intencionalidade cujo pólo desejado não sacia nem se nega ao apetite, mas o interpela e o abre, ainda mais. “O Desejo Metafísico tem outra intenção – deseja o que está além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. É como a bondade – o Desejado não o cumula, antes lhe abre o apetite”. (LÉVINAS, 2000, p. 22). Desejo metafísico, como desejo do outro, refere-se a uma aspiração que carência alguma pode condicionar previamente e satisfação alguma pode calar posteriormente.

Portanto, o desejo nasce em um ser que não se sente privado ou necessitado de nada. Nasce, ao contrário, para além de tudo o que pode satisfazê-lo e para além de toda privação. O desejo de forma alguma pode ser preenchido pelo desejado, mas alimentado, de alguma maneira, de novas fomes. O desejado radicaliza ainda mais o desejo. Não obstante, a relação entre o desejante e o desejado não é um desaparecimento da distância e, tampouco, aproximação, uma vez que a generosidade alimentada pelo desejado revela-se como positividade, “vem do afastamento, da separação, porque se alimenta, poderia dizer-se, da sua fome”. (LÉVINAS, 2000, p. 22). A maravilha da exterioridade consiste em ser o lugar da vida do desejo metafísico do infinitamente outro.

A absolutização do desejo se dá por causa da invisibilidade do desejado e da finitude do desejante. Porém, a invisibilidade do desejado não priva a possibilidade de relação, ela se dá de um modo diferente, a saber: “[...] implica relações com o que não é dado e do qual não temos idéia”. (LÉVINAS, 2000, p. 22). Ter idéia (visão da mente) de algo é englobá-lo, identificar algo ao mesmo, pela visão. O desejo do invisível, portanto, é desejo de algo do qual não se tem idéia nem compreensão que engloba. Caracteriza uma inadequação que, longe de ser uma simples negação ou uma

obscuridade da linguagem da ética, é a própria desmesura do desejo frente à medida finita do desejante e infinita do desejado. O absolutamente outro é inobjeto do desejo metafísico. Longe de coincidir com uma necessidade insatisfeita, o desejo coloca-se para além da insatisfação, da satisfação e da objetivação. “A metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração”. (LÉVINAS, 2000, p. 22).

A tentação de esboçar uma idéia da alteridade, do outro, da exterioridade, produz uma espécie de tentativa de finição eidética do infinito, uma inadequação que termina tendo sentido e nome, a saber: desejo do infinito ou idéia do infinito. O desejável, que suscita o desejo, revela-se como infinito que de forma alguma pode ser objeto de um conhecimento reduzido à medida de um olhar contemplativo e expresso à medida de uma redução eidética. O desejável, aquele que suscita o desejo, só pode ser abordado e ideado por um pensamento que a todo instante pensa mais do que pensa e por uma idéia cujo *ideatum* a desborda. “Por causa deste excesso inassimilável, por causa deste além, chamamos a relação que une o eu a Outro de idéia de Infinito”. (LÉVINAS, 1993, p. 62).

O infinito não é, por isso, um objeto imenso que ultrapassa os horizontes do olhar. É “[...] o Desejo que mede a infinidade do infinito, porque ele constitui a medida pela própria impossibilidade de medida.” (LÉVINAS, 2000, p. 49). O rosto do outro é a própria desmedida do desejo, rosto é aquilo que não pode ser finalizado na satisfação do desejo nem na mentalização da idéia, é infinizável: infinito. A idéia do infinito revela-se no seu sentido mais forte, a saber: remete para a finitude da idéia. A excepcionalidade desse conhecimento está no fato de que não há um objeto de conhecimento, pois se assim fosse, seria reduzido à medida do olhar que contempla. O infinito mantém-se como aquele que suscita sempre o desejo; um pensamento que a todo instante pensa mais do que pensa. Mantém-se sempre como desejável, desfazendo a impressão de que fosse um objeto enorme e capaz de ultrapassar, a todo instante, os horizontes do olhar. A medida sempre desmedida pelo desejo insatisfeito é rosto.

O infinito como primeiro movimento do desejo

O que se constitui na forma conceitual filosófica de infinito, para Lévinas, é a metafísica, a exterioridade e o rosto que a todo instante rompe e excede à totalidade, à interioridade do olhar sinóptico e pretensioso do eu. Este é, precisamente, o resplendor

metafísico no rosto do outro, que rigorosamente desenvolvido sob o conceito de exterioridade, é manifestado pelo termo infinito.

Com a idéia de infinito Lévinas propõe a experiência intramundana do eu que pensa uma idéia cujo conteúdo a desborda. O infinito mentalizado na idéia de infinito, ao desbordar a própria idéia, remete imediatamente à finitude da idéia. Pensar o infinito não significa mais que fazer a experiência de pensar a idéia de algo que excede o plexo das referências da totalidade de sentido e significado, produzindo a finição - experiência da finitude - da totalidade do mundo até agora compreendido como único horizonte possível de compreensão e principalmente de constituição da subjetividade e da intersubjetividade humanas.

A idéia do infinito na obra levinasiana – que se apresenta como uma defesa da subjetividade fundada na idéia do infinito – se realiza na interioridade da totalidade objetivante, revelando ao mesmo tempo a infinição do infinito e a finição da totalidade. Mas concretamente esta idéia se dá na relação do mesmo (eu-mim-mesmo) com o outro, pressupondo que o mesmo esteja totalizado em seu mundo e que o outro se apresente como a excedência infinita deste mundo totalizado.

Contudo, é importante salientar que Lévinas (2000), para discorrer sobre o infinito, usou o verbo apresentar que pode igualmente ser tomado por revelar, pontuando, dessa forma, a anterioridade da ação do ente infinito em relação a quem recebe esta revelação e a finiza numa idéia. Portanto, o ente infinito e exterior é uma entidade que se revela e não um ser flutuante e neutro na forma de um terceiro termo mediador e iluminador entre o primeiro e o segundo termos de uma relação.

O conteúdo que excede a própria idéia é o ente infinito. Com isso, Lévinas (2000) não pretende assinalar que a subjetividade transcendental confere existência a um ente fora de si mesmo, mas marcar a anterioridade de um ente infinito, em relação à própria idéia de infinito que é infinizada pelo conteúdo que excede os limites (a finição) do pensar. Por conseguinte, o infinito é infinito não pelo fato de que uma subjetividade transcendental o pense como tal. É infinito em virtude do fato de que a idéia que se tem dele pense mais do que pode pensar, pensa um ente que não cabe nela, que a excede.

Há, desse modo, uma patente assimetria entre ente infinito e idéia do ente. Daí que todo saber – caracterizado como ‘consciência de...’, isto é, como intencionalidade – é inadequado ao seu ‘de...’, uma vez que o ente infinito excede a idéia que uma intencionalidade ‘de...’ tem daquele de quem é o ‘de...’. Para Lévinas, “todo saber

enquanto intencionalidade já supõe a idéia de infinito, a inadequação por excelência”. (LÉVINAS, 2000, p. 14).

Doravante, aplicando a idéia do ente infinito à temática da constituição da subjetividade, Lévinas conclui que a concepção formal da subjetividade humana como ser-si-mesmo e como eu-auto-referente é excedida por um conteúdo que dá consistência à subjetividade e é condição para que a auto-referência seja possível. Formalmente a subjetividade se constitui a partir de um conteúdo que não é formal. Sobre a superfície deste conteúdo se inscrevem as formalidades auto-referentes.

A metafísica, o mais além, passa a figurar como estrutura fundamental da subjetividade, constituindo-a como aberta à alteridade, à exterioridade, ao acolhimento do outro. O mundo, até então ilimitado, passa a conhecer limites. Já não se trata de um eu-mim-mesmo como ser-no-mundo (LÉVINAS, 1991), mas sim, de um eu-mim-mesmo-para-o-outro. Esta nova forma de constituição ética da subjetividade humana, a partir da idéia de infinito, confere a saída do eu-mim-mesmo para o ser-outro, numa relação intersubjetiva. O novo perguntar pelo sentido da exterioridade, da metafísica e do infinito possibilita o encontro de um caminho ético à subjetividade.

Infinito e rosto

A relação com outro é que significa a experiência da idéia de infinito; ela é, dessa maneira, uma relação social. Relação que consiste em aproximar-se de um ser absolutamente exterior. E o que assegura e constitui a exterioridade desse ser é a idéia de infinito, que não pode ser contida na relação, diferentemente da relação que se tem com os objetos que são integrados na identidade do mesmo. Identificação que equivale a ser propriedade, privação dos próprios bens, vítima: numa palavra, tema. Mas, é na resistência radical e absoluta que se epifaniza a exterioridade do ser infinito: esta resistência se opõe a todos os poderes. “A sua manifestação não é simplesmente o aparecimento de uma forma na luz, sensível ou inteligível, mas já esse *não* lançado aos poderes. O seu *logos* é: não matará”. (LÉVINAS, 1997b, p. 210).

O absolutamente outro resiste aos poderes e aos estratagemas do mesmo com a força da imprevisibilidade que provém de sua liberdade. Mas, pode também sucumbir a eles na medição de forças. Porém, ele tem o poder de opor-se ao mesmo, “pondo a descoberto a total nudez dos seus olhos indefesos, por meio da integridade, pela franqueza absoluta do seu olhar”. (LÉVINAS, 1997b, p. 27). A exterioridade radical que advém deste olhar proíbe toda e qualquer conquista pondo fim à inquietude

egológica e solipsista da consciência. O mesmo já não pode poder; “a estrutura da minha liberdade inverte-se totalmente”. (LÉVINAS, 1997b, p. 27). A relação não se dá na forma de uma resistência antagônica, mas com o radical e absolutamente outro, com a resistência daquilo que não oferece resistência, com a irresistência ética. É esta resistência que interrompe a política de expansão e domínio irresistível do mesmo e do eu. O que pode se manifestar de maneira tão direta e exterior a um eu é o que a ética levinasiana chama rosto.

A relação que o ‘eu penso’ mantém com o infinito sem poder contê-lo é constituída no modo da separação e chamada de idéia de infinito. Relação diferente da que se apresenta com as coisas, onde a realidade formal e objetiva estão incluídas. A idéia de infinito não pode ser justificada por nós próprios no rigor dos termos, no entanto, é ela quem mede nossa finitude. “[..] importa sublinhar que a transcendência do Infinito em relação ao eu que dele está separado e que o pensa, mede, se assim se pode dizer, a sua própria finitude”. (LÉVINAS, 2000, p. 36).

A transcendência é que caracteriza propriamente um ser infinito. Porque está infinitamente separado de sua idéia, ele é o único *ideatum* do qual *apenas* pode haver uma idéia em nós. Por ser infinito é exterior. Pensar mais e melhor é pensar aquilo que não tem os traços de um objeto; é pensar o infinito, o transcendente, o estrangeiro. A separação entre o ato mental e o objeto suspenso em seu ser pela posse, não é equivalente à distância da transcendência. É única no seu gênero a intencionalidade da transcendência metafísica expressa na finitude da idéia do infinito. “O infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela idéia de Infinito, produz-se como Desejo”. (LÉVINAS, 2000, p. 37 nota 39).

“A noção cartesiana da Idéia de Infinito designa uma relação com um ser que conserva a sua exterioridade total em relação àquele que o pensa”. (LÉVINAS, 2000, p. 37). Indica, por isso, a relação com aquilo que não pode ser tocado na sua interioridade. Dessa maneira, a absoluta exterioridade do ser exterior não é perdida simplesmente pelo fato de se epifanizar: “absolve-se” da relação em que se apresenta (LÉVINAS, 2000, p. 37). Porém, apesar da proximidade que suscita a idéia de infinito, a estrutura complexa da relação marcada pela não identificação, deve ser descrita, apesar da distância infinita da exterioridade.

Por isso, “é preciso indicar desde já os termos que exprimirão a desformalização ou a concretização desta noção, totalmente vazia na aparência, que é a idéia de infinito”. (LÉVINAS, 2000, p. 37).

Doravante, a negatividade exercida pelo eu, por meio do mesmo, deve ser detida pelo desejável para que seja possível a manifestação da bondade como desejo perfeitamente desinteressado. “Não como um Desejo que a posse do Desejável apazigua, mas como o Desejo do Infinito que o Desejável suscita, em vez de satisfazer. Desejo perfeitamente desinteressado – bondade”. (LÉVINAS, 2000, p. 37).

O contrário disso – a dominação e o poder do Mesmo, isto é, a negatividade – se realiza de forma positiva como posse de um mundo que pode ser ofertado a outrem, ou seja, como uma presença em face do rosto. Uma vez que, acolitado por essa presença e sendo por ela orientado, a avidez do olhar é perdida e transmudada radicalmente em generosidade, incapaz de abordar o outro de mãos vazias. “Esta relação por cima das coisas doravante possivelmente comuns, isto é, susceptíveis de serem ditas – é a relação do discurso”. (LÉVINAS, 2000, p. 37). Rosto é a maneira como o outro se apresenta a mim infinizando sempre a idéia finita do outro em mim.

Este modo de apresentação não consiste em traçar uma imagem temática visada pelo olhar ou em expor-se como um conjunto de qualidades que formam uma imagem. Haja vista que esta imagem bela em sua forma e constantemente moldável é destruída e ultrapassada pela manifestação do rosto de outrem. O rosto se manifesta exprimindo-se. “O rosto, contra a ontologia contemporânea, traz uma noção de verdade que não é o desvendar de um Neutro impessoal, mas uma expressão[...]”. (LÉVINAS, 2000, p. 38).

A expressão é o conteúdo primeiro da própria expressão. Acolher o outro onde ele ultrapassa sempre a idéia que dele tiraria um pensamento é abordá-lo no discurso. Aqui se dá precisamente a idéia de infinito: no recebimento do outrem para além da possibilidade do eu.

Rosto-infinito desejado e a consciência ética

De chofre dizemos que o que põe em questão a liberdade do mesmo é a idéia do infinito como rosto. É ele – e não outra coisa – que escapa ao poder do mesmo derrubando a sua boa consciência. Contudo, a liberdade necessita ser justificada por si mesma, o que remete o livre-arbítrio à caça de um fundamento racional. Nesta circunscrição, ainda não se emigrou dos poderes do mesmo, uma vez que buscar um fundamento racional é ainda participar do seu movimento. Todavia, buscar uma justificação para o arbitrário é já a manifestação de um infortúnio sofrido pelo arbitrário mesmo. Esta posta em questão da espontaneidade do mesmo, apontando já para uma tragicidade, acorda e convoca a razão. A sabedoria não é órfã, tem uma mãe: a dor. “O

revés levar-me-ia a travar a minha violência e introduziria a ordem nas relações humanas, pois tudo é permitido salvo o impossível”. (LÉVINAS, 2000, p. 213).

A arbitrariedade da injustiça é revelada pelo rosto do outro. Quando há a reverência diante do rosto do outro, não perante um fato, a consciência da injustiça é produzida. Pois, o rosto do outro não expressa uma ameaça ou impedimento, mas, antes, uma medida e comparação. A comparação, com o infinito, confere o sentimento da injustiça, isto é, de justa medida e de chamado a ajustar-se ou fazer-se justo. “O infinito não me detém como uma força que põe a minha em cheque, ela questiona o direito ingênuo dos meus poderes, a minha gloriosa espontaneidade de ser vivo, de força que anda”. (LÉVINAS, 2000, p. 214).

Mas, a medida comparativa oferecida pela perfeição do infinito não se dá no nível teórico – nível em que a liberdade assumiria de maneira espontânea seus direitos – antes, porém, como vergonha que a liberdade tem de si mesma, ao descobrir-se assassina no seu exercício de redução e identificação.

Lévinas relata que a existência não está condenada à liberdade, mas investida como liberdade. E a vida moral é constituída pela investidura da liberdade. Assim, ao se tornar bondade a estrutura da vontade livre se desprende da aparência da espontaneidade que se basta a si mesma. Nesse movimento, “a vida da liberdade se descobre injusta, a vida da liberdade na heteronomia, consiste para a liberdade num movimento de questionamento infinito”. (LÉVINAS, 1997b, p. 215). Há, neste movimento, o aprofundamento da interioridade marcada pela distância, onde já não se pode encontrar a solidão do eu, devido à insatisfação que marca a consciência moral, sempre e constantemente desejo. “A insatisfação da consciência moral não é apenas a dor das almas delicadas e escrupulosas, mas a contração, o côncavo, a retração em si e a própria sístole da consciência”. (LÉVINAS, 1997b, p. 215).

Dessa maneira, a consciência ética não é uma variedade da consciência, mas a forma concreta que envolve a idéia do infinito, movimento mais fundamental do que a liberdade. Aqui se configura a experiência fundante da não solidão, mas, outrossim, o convívio com uma realidade que extrapola toda idéia *a priori* – “e foi precisamente por isso que se pôde falar de infinito. Nenhum movimento de liberdade poderia apropriar-se do rosto ou ter aí de o constituir”. (LÉVINAS, 1997b, p. 215). O rosto já falava e cooperava antes da própria constituição. Não há conceito que expresse a experiência pura do rosto: é anterior e extravasa a todas.

O desejo é a patente coincidência entre insatisfação ética e desalento diante das tentativas de abraçar o real rosto. Mas, é bom frisar que o desejo do infinito se manifesta como rigor da exigência moral antes que condescendência do amor. Rigor sem brutalidade, mas como desejo imposto pela estatura infinita do próprio ser, em vistas de quem exerce a bondade. Finalmente convém ressaltar que o rosto do outro remete para a essência da filosofia que consiste em voltar, por meio da crítica, em direção ao princípio e ao começo.

Últimas considerações

A ética de Lévinas tem a preocupação de buscar uma saída desta identidade consigo mesmo, formulada na expressão si-mesmo, que se decantou no mundo ocidental como Ontologia. Este pensamento identificador se apresenta como um pensar que engloba, reduz, identifica e totaliza.

Neste sentido, os temas do desejo metafísico, desejo do infinito e rosto querem indicar uma abertura ilimitada para a exterioridade, postulando uma separação radical entre o mesmo e o outro. Sugere uma saída de si mesmo em direção ao outro, uma saída animada, não pela identidade consigo mesmo, mas pelo desejo daquilo que escapa aos poderes da identificação.

Na tradição da Ontologia moderna, os poderes da identificação permitem ao si-mesmo dar-se a si mesmo tudo o que necessita para ser idêntico a si mesmo: eis aqui uma tautologia que se basta a si mesma e que funda e preside a relação ontológica com outros.

Frente a esta onipotência de uma identidade que confere a si mesma o seu próprio ser e, por analogia consigo mesmo, atribui ser a outros, Lévinas acena para a inédita passividade que interdita os poderes solipsisadores do si mesmo. Este sujeito ontológico, que a tudo sujeita tenazmente com força e a poderosidade de sua identidade formal consigo mesmo, se revela inesperadamente dependente e vulnerável numa relação de passividade com sua própria origem e com a origem de suas construções formais. Ao fim e ao cabo, seu ser lhe foi dado filogeneticamente por outros e a construção formal de sua identidade depende de uma percepção que se sustenta com impressões originárias exteriores à identidade mesma.

Agora, encontramos aquela realidade que é capaz de impressionar e de afetar a subjetividade, constituída no modo do receber impressão, sem ser por ela englobada. Pois, trata-se de uma relação com um absolutamente outro, com uma exterioridade

radical impossível de ser identificada com o mesmo. Ela se nega a ser conteúdo de pensamento, porque excede aos próprios limites do pensamento. A exterioridade se expressa, eminentemente, como outro: como metafísica. E é no rosto que se abre a possibilidade para a compreensão do modo como se apresenta a exterioridade radical, o estrangeiro, o outro.

Referências

- DESCARTES, René. *Méditations métaphysiques*. Paris: Flammarion, 1992.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Martinus Nijhoff, 1974.
- LÉVINAS, Emmanuel. *De L'évasion*. Montpellier: Fata Morgana, 1982.
- LÉVINAS, Emmanuel. *En Découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger*. Paris: J. Vrin, 1988.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Le temps et l'autre*. 4e. éd. Paris: Quadrige/PUF, 1991
- LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas. Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Madras, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. *A puerta cerrada*. Buenos Aires: Losada, 1992.

Artigo recebido em: 20/07/10
Aceito em: 24/11/10